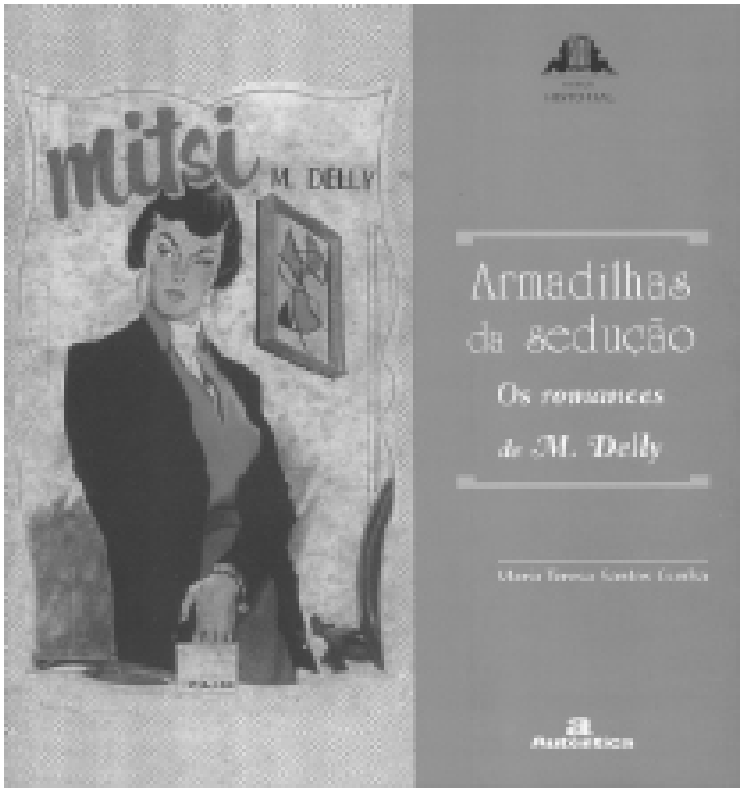
SEDUÇÃO PELA LITERATURA

Rita Marisa Ribes Pereira
Doutoranda em Ciências Humanas – Educação
Professora Assistente da Faculdade de Educação/UERJ

CUNHA, Maria Teresa Santos, *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 1999, 150p.



O instigante livro de Maria Teresa Cunha – fruto de sua tese de doutoramento em educação, apresentada na USP em junho de 1995 – tem como temática central a dimensão formadora da literatura, estendendo esse papel formador para além dos limites circunscritos da chamada "boa literatura" e objetivando restituir à linguagem literária sua condição de arte, fomentadora, portanto, de uma percepção estética do mundo. Sob esse olhar, a autora tece uma análise dos romances de M. Delly, títulos que compunham a *Biblioteca das Moças*, de grande circulação entre as jovens de classe média das décadas de 1930 a 1960 e que – tanto quanto os cursos normais – foram marcantes na formação cultural das educadoras de uma época.

> Por que as mulheres gostavam de ler aquelas estórias? Por que esses livros tiveram tanta popularidade, alcançando, em alguns casos, até vinte edições? Sua apresentação vistosa, com capas coloridas e títulos atraentes, contribuiu para favorecer a leitura? Alimentou o imaginário? Educou sensibilidades? Seduziu? Poderiam ser considerados como um dos dispositivos para a construção de subjetividades em suas leitoras? Esse tipo de literatura ainda encontra público leitor nos dias de hoje?

Essas, entre outras, são as indagações de que a autora se faz acompanhar ao longo de sua reflexão. Percebe-se com isso que o livro oferece-se como uma multifacetada contribuição à produção do conhecimento em ciências humanas, abrindo-se às pesquisas dos estudos culturais, dos estudos sobre gênero, à historiografia da educação, à história da leitura e formação de educadores.

A autora analisou cerca de trinta romances editados e reeditados entre 1935 e 1986, buscados em sebos e velhas livrarias, com leitoras e encontrados também no acervo de algumas

bibliotecas escolares, atentando não somente para o conteúdo dos romances mas também às suas capas e ilustrações que, como pondera Maria Teresa, são sempre muito coloridas, e seus títulos que aguçam a imaginação e solicitam a adivinhação dos seus conteúdos: *Escrava... ou rainha?, Mitsi, Elza, Marízia, Freirinha, Corações inimigos, Foi o destino, Alma em flor*. Como interlocutores encontramos Chartier e Darnton – subsidiando teorico-metodologicamente a análise –, Cristina Bruschini e Tina Amado – fundamentando os estudos sobre educação e gênero –, como também Bourdieu, Certeau, Benjamin, Geertz, Eliane Teixeira Lopes, Ecléa Bosi e, especificamente, Rosane Magalhães Prado, autora de um estudo pioneiro sobre os romances de M. Delly.

Ainda enriquecendo essa interlocução, a autora busca os testemunhos pessoais de seis mulheres professoras, de classe média, com idades variando entre 48 e 66 anos, construídos a partir de entrevistas semi-estruturadas, com o objetivo de ilustrar a premissa de que um texto pode suscitar diferenciadas leituras na medida em que os sujeitos se apropriam desse texto também de diversificadas maneiras. Nesse intertexto, a pesquisadora e as entrevistadas ressignificam o tema central da pesquisa, compartilhando suas histórias de vida e de formação – a pesquisadora, que foi também leitora dos romances de M. Delly, experimenta a condição de ser concomitantemente sujeito e objeto da sua investigação.

M. Delly, muitas vezes alcunhado por "Madame Delly", é o pseudônimo escolhido pelos irmãos franceses Frédéric Henri e Jeanne-Marie Petitjean de La Rosiére, nascidos na década de 1870 do século XIX e falecidos na década de 1940 do século XX. Suas histórias eram centradas em mulheres e ambientadas na França – educando como se fosse um guia de viagens numa época em que a Marselhesa era muito entoada nas escolas normais. A recorrência a um tipo estrutural de narrativa – na qual a mocinha frágil e pobre encontra a segurança no casamento com o herói forte e rico, após uma série de provações postas pela vida – ajudou a delimitar algumas categorias de análise para uma apreciação cuidadosa da totalidade da obra: o herói, a heroína e o anti-herói; as funções da mulher; a relação com o corpo; os sentimentos; a vida profissional; o casamento.

A hipótese trazida por Maria Teresa é de que essas leituras contribuíram para a construção da subjetividade das leitoras, apresentando a elas uma proposta de mundo, de sociedade, de felicidade, enfim, um modo de ser, um "modelo de mulher" e também de educadora. Na tênue fronteira entre uma educação que seduz e uma sedução que educa, toda uma geração compartilhou uma gama de valores, normas e condutas – construindo seus projetos de vida e profissão à luz da educação recebida da literatura. O que ensinaram tais romances? Em que medida – de fato – ensinaram? Como as leitoras se apropriaram das histórias e valores veiculados por esses romances? Teria engendrado nessa geração uma visão romântica de mundo? Como a educação recebida dos romances metamorfoseou-se em educação escolarizada na experiência das leitoras educadoras?

As vozes e histórias trazidas pelas leitoras entrevistadas ajudam a perceber o quanto esses romances – supostamente tão monológicos e semelhantes – permitiram leituras tão diferenciadas: o reconhecimento da influência dessa literatura numa postura romantizada do mundo e da educação; o desejo de "fugir um pouco deste mundo" por meio de histórias distintas da vida cotidiana; a constatação de que tais histórias eram "muito água com açúcar". De uma maneira ou de outra, tais romances – pelo próprio encantamento que despertavam – tornaram-se uma referência na história de uma geração de mulheres cuja profissão admitida histórica e culturalmente era o magistério. Ao concluir, a autora permite-se afirmar que tais romances

propiciaram, sim, a construção de uma sensibilidade e imaginário românticos, haja vista que as ideologias compartilhadas constituíram uma forma de “socialização secundária”, em última instância, educativa. Ainda assim a autora faz questão de reafirmar que todo texto é sempre um texto aberto a sugerir outras leituras. Inclusive o seu livro, à espera de ser “re-lido”. Inclusive esta resenha que, mais do que uma síntese, é um convite a construção de outros intertextos.